

A IMPORTÂNCIA DO PREPARO DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE MORTE E MORRER

THE IMPORTANCE OF THE PREPARATION OF NURSES IN THE PROCESS OF DEATH AND DYING

Alan Batista Costa¹ e Maria Cristina Mazzaia¹

¹ Discente do curso de graduação de Enfermagem da Universidade Paulista – Unip.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever a importância do preparo do enfermeiro para o atendimento a pacientes e familiares que vivenciam o processo de morte e morrer. Trata-se de um estudo com caráter exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, por intermédio de pesquisa bibliográfica. O levantamento dos dados foi realizado com base em materiais já elaborados e publicados, constituídos, principalmente, de livros e artigos científicos. Conclui-se que, apesar de a morte ser um evento inevitável para o ser humano, tal assunto ainda gera muita angústia nos profissionais de enfermagem. Essa realidade faz com que os mesmos não deem a total importância que deveria ser atribuída aos pacientes e familiares que vivenciam o processo de morte e morrer.

Palavras-chave: morte e morrer, processo de luto, crianças e adolescentes perante a morte, morte e crenças.

ABSTRACT

This paper describes the importance of preparation of nurses for the care of patients and relatives, who experience the process of death and dying. This is an exploratory study of character-descriptive of a qualitative approach through literature search. The survey data was based on materials already prepared and published, consisting mainly of books to scientific articles. We conclude that although death is an inevitable event for humans, this issue still generates a lot of anguish in the nursing professional. This reality is that they do not give the full importance that should be given to patients and relatives who experience the process of death and dying.

Keywords: death and dying, mourning process, children and adolescents and death, death and beliefs.

I. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é descrever a importância do preparo do enfermeiro para o atendimento a pacientes e familiares que vivenciam o processo de morte e morrer.

Vive-se num cotidiano onde falar a respeito de morte é falar sobre a morte do outro. Muitas vezes coloca-se a morte apenas como o estágio final de uma doença grave, e não como parte do processo do desenvolvimento humano (KOVÁCS, 2003).

A percepção do que é a morte surge a partir da infância, quando os indivíduos passam pelas primeiras experiências com as perdas cotidianas, mas somente no final da idade escolar e no início da adolescência esta percepção se mostra mais madura (UGA, 2005).

A morte é algo tão complexo que se chega ao ponto de não encontrar palavras para descrevê-la ou nomeá-la. Provavelmente, essa impossibilidade de simbolizá-la e de incluí-la em ideias claras só contribui para que a mesma seja vista de maneira cada vez mais assustadora (KOVÁCS, 2003).

A morte pode representar tanto parte do desenvolvimento humano, ou seja, um evento biológico que encerra uma vida, quanto um processo construído socialmente, que não se distingue das outras dimensões do universo e das relações sociais. No meio profissional da área de saúde, nenhum outro evento é capaz de suscitar mais pensamentos dirigidos pela emoção e reações emocionais que ela, seja no indivíduo que está morrendo, seja naqueles à sua volta (BRÊTAS, OLIVEIRA YAMAGUTI, 2006).

O medo da morte é algo que ultrapassa barreiras – trata-se de uma reação que está presente de forma instintiva no ser humano, que o acompanha ao longo de sua evolução histórica, antropológica, cultural e religiosa. Esta sensação varia de acordo com a época e com as características culturais, onde se incluem costumes, práticas e tradições religiosas de diferentes tribos, povos, raças e nações (GIORGI, s/d).

Morin referiu que “é nas atitudes e crenças diante da morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental”. No Ocidente, as pessoas repugnam a morte, e a encaram como um castigo (MORIN *apud* MELO, 2008).

A morte, ou melhor, os sentimentos não mencionados pela pessoa podem referir-se também aos projetos, às possibilidades que ela visualiza e escolhe no presente. Quando o indivíduo opta por algo, deixa

alguma coisa de lado; assim, pode-se dizer que cada um vivencia a perda ou a morte daquilo que deixa de escolher (MELO, 2008).

As variações das maneiras como os seres humanos tratam os mortos nas mais diferentes culturas deixam a entender que o homem criou as crenças para tentar escapar do medo que sentia da morte. A morte é o grande mistério que muitas vezes leva os seres humanos a tornarem-se religiosos. É nas crenças que o indivíduo busca uma resposta definitiva para suas dúvidas e seus temores (SCHEMES, s/d).

Freud (1996) tinha a convicção de que “a meta de toda vida é a morte”, que as crenças são ilusões que alimentam esperanças, e que a vida busca a morte única e exclusivamente por causa da paz.

Conhecer e respeitar os significados e rituais perante a morte nas diferentes crenças e culturas não é apenas uma obrigação do enfermeiro, mas também um dever humanitário (UGA, 2005). O profissional de enfermagem lida com o tema da morte diariamente em seu ambiente de trabalho e, por isso, necessita ter preparo para lidar com o assunto. É preciso ter a consciência de que a morte deve ser encarada como um acontecimento natural, e não como um fracasso pessoal (UGA, 2005).

O enfermeiro deve ter em mente que a justificativa para o seu interesse em pesquisar a morte enquanto objeto de conhecimento é a de se tornar preparado para saber atuar de maneira correta quando se deparar com a morte, seja diante de um paciente em estado terminal, seja em situação de pós-morte ao abordar a família (QUINTANA *et al.*, 2006).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo com caráter exploratório-descritivo de abordagem qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica (POLIT, BECK & HUNGLER, 2004). Esta pesquisa buscou escrever a importância do preparo do enfermeiro ao abordar o tema da morte.

O método qualitativo foi o que melhor se adequou ao problema, já que está relacionado a crenças, valores e atitudes, ou seja, é o método mais adequado ao estudo das ciências humanas de saúde, permitindo uma compreensão mais ampla do ser humano (LOBIONDO-WOOD & HABER, 2001). A abordagem qualitativa, acima de tudo, é a que mais se mostra adequada ao entendimento dos fenômenos sociais (RICHARDSON *et al.*, 1999).

A pesquisa bibliográfica foi realizada com base em materiais já elaborados e publicados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos. Por meio da pesquisa bibliográfica, pode-se estabelecer um vínculo maior com o fenômeno pesquisado, criando, desta forma, uma base mais ampla de conhecimentos (GIL, 2002).

A coleta de dados foi realizada por intermédio de livros, revistas e artigos científicos disponíveis nas bases de dados Bireme¹, Scielo² e Bdenf³. Para a localização dos artigos, foram usados os seguintes descritores: morte e morrer; processo de luto; crianças e adolescentes perante a morte; morte e crenças. Foram selecionados e incluídos no projeto somente artigos dos últimos cinco anos em português.

3. RESULTADOS

Embora as instituições hospitalares sejam compostas por diferentes profissionais, percebeu-se que é o profissional de enfermagem quem está mais próximo dos pacientes e de seus familiares nos momentos difíceis, tornando-se, muitas vezes, o acompanhante de todo o processo de morte e morrer (OLIVEIRA & AMORIM, 2008).

Porém, o tema da morte ainda é algo de extremo desconforto para os profissionais de enfermagem, que, muitas vezes, discorrem sobre a dificuldade que apresentam quando precisam ajudar a confortar a família de algum paciente em situação de óbito. Muitos deles referem ter dúvidas sobre suas condutas, pois não sabem se estão agindo ou oferecendo o apoio de maneira correta (MARINHO, 2007).

4. DISCUSSÃO

Observou-se, ao longo da pesquisa, que, em alguns casos, o enfermeiro é preparado e impulsionado somente a salvar vidas, e que, muitas vezes, a preocupação com procedimentos técnicos prejudica a atenção ao ser humano que se encontra na situação de paciente (MARINHO, 2007).

A morte causa um sentimento diferente no profissional, na maioria das vezes a sensação de impotên-

cia (SILVA & SILVA, 2007). Porém, lidar com a morte é mais do que uma obrigação do enfermeiro; é algo que envolve sua condição humana (MARINHO, 2007). Tanto que questões de ordem emocional podem confundir o raciocínio dos estudantes de enfermagem, pois são diversos os sentimentos que surgem diante da morte.

Percebeu-se que, em alguns casos, paira sobre o estudante a ideia da sua finitude, desta forma prejudicando a relação enfermeiro/paciente (SPEZANI & CRUZ, 2001), razão pela qual alguns indivíduos podem sentir-se extremamente frustrados, pensando em não ter realizado as intervenções adequadas ao paciente e/ou abordado de maneira correta seus familiares (OLIVEIRA & AMORIM, 2008).

Também foi possível constatar que, em grande parte do tempo, os profissionais de enfermagem referem não aceitar a morte, considerando-a como algo que lhes causa medo (LOBIONDO-WOOD & HABER, 2001). A palavra “morte” é motivo de pavor até mesmo para indivíduos pós-graduados, tendo em vista que alguns dizem não se achar preparados para discutirem tal temática (MELO, 2008).

O preparo dado aos profissionais de enfermagem sobre este tema é algo que, infelizmente, ainda deve ser muito explorado (MELO, 2008). Lidar com o processo de morte e morrer, portanto, se torna algo difícil na vida dos estudantes. É mais fácil não se envolver com tais sentimentos e procurar lidar apenas com cuidados técnicos e burocráticos, podendo-se, desta forma, fugir de um contato (BERNIERI & HIRDES, 2007). Tal fato só vem a ser condizente com o estudo de abordagem qualitativa de Oliveira & Amorim (2008), onde ficou evidenciado que os estudantes de enfermagem entrevistados foram unânimes ao afirmar a insuficiência da abordagem do tema da morte no ambiente de ensino.

Em outro estudo, de caráter exploratório-descritivo e abordagem qualitativa, Bernieri & Hirdes (2007) salientaram que os acadêmicos de enfermagem não sabem como agir diante das famílias, tanto de doentes terminais quanto de pacientes que morreram.

Acolher a família é algo que representa ainda muito constrangimento aos acadêmicos, e, sem dúvida, questões como estas são levadas com eles ao longo de suas carreiras (BERNIERI & HIRDES, 2007).

Faz-se a ressalva de que é de vital importância que as escolas de enfermagem preparem seus alunos para que, quando se formem, sejam profissionais preparados tanto tecnicamente como emocionalmente (BERNIERI & HIRDES, 2007).

¹ Biblioteca Regional de Medicina.

² Scientific Electronic Library On-line.

³ Base de Dados de Enfermagem.

5. CONCLUSÃO

Concluiu-se que é de suma importância o preparo do enfermeiro na vivência do processo de morte e morrer, e que é preciso o profissional de enfermagem conhecer os estágios do morrer, além das atitudes que devem ser tomadas diante dos mesmos, tanto em relação ao paciente quanto à família.

Com isso, traz-se a reflexão de que se deve tratar o indivíduo de maneira humanizada e, ao mesmo tempo, focalizar o cuidado com a família, que, na maioria das vezes, estará sempre presente. Isso significa que o enfermeiro deve acompanhar o paciente, independentemente de qual seja seu fim.

REFERÊNCIAS

- BERNIERI, Jamine & HIRDES, Alice. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte e morrer. *Revista Texto & Contexto – Enfermagem*, v. 16, n. 1, p. 89-96, Florianópolis, janeiro/março, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.
- BRÊTAS, José Roberto da S.; OLIVEIRA, José Rodrigo de & YAMAGUTI, Lie. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e morrer. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 40, n. 4, p. 477-483, São Paulo, dezembro, 2006.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Vol. XIV – A história do movimento psicanalítico: artigos sobre a metapsico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 396p.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176p.
- GIORGI, Eduardo. Um estudo teórico sobre a morte. *Cola da Web*, s/d. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/psicologia/morte>>. Acesso em: 16 de junho de 2008.
- KOVÁCS, Maria Julia. *Educação para morte: temas e reflexões*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 224p.
- LOBIONDO-WOOD, Geri & HABER, Judith. *Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação, críticas e utilização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 330p.
- MARINHO, João. A última fronteira: como os profissionais de enfermagem lidam com a morte de seus pacientes. *Revista Coren-SP*, n. 59, p. 09-13, São Paulo, setembro/outubro, 2007.
- MELO, Maria do Socorro N de. A formação docente e a educação para a morte. *Revista Virtual P@rtes*, São Paulo, janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/fomacaodocente.asp>>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.
- OLIVEIRA, Wilker I.A. de & AMORIM, Rita da C. A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 29, n. 2, p. 191-198, Porto Alegre, agosto, 2008.
- POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl T. & HUNGLER, Bernadette P. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. 5. ed. São Paulo: Artmed, 2004. 488p.
- QUINTANA, Alberto Manuel; KEGLER, Paula; SANTOS, Maúcha S. dos & LIMA, Luciana D. Sentimentos e percepções da equipe de saúde frente ao paciente terminal. *Paideia*, v. 15, n. 35, p. 415-425, Ribeirão Preto, setembro/dezembro, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863-X2006000300012&script=sci_arttext>. Acesso em: 06 de outubro de 2008.
- RICHARDSON, Roberto J. & PERES, José Augusto de S.; WANDERLEY, José Carlos V.; CORREIA, Lindoya M. & PERES, Maria de Holanda de M. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1999. 287p.
- SILVA, Alexandre das M. & SILVA, Maria Júlia P. da. A preparação do graduando de enfermagem para abordar o tema morte e doação de órgãos. *Revista Enfermagem Uerj*, v. 15, n. 4, p. 549-554, Rio de Janeiro, outubro/dezembro, 2007.
- SPEZANI, René dos S. & CRUZ, Isabel C. F. da. Produção científica de enfermagem sobre ansiedade e morte: implicações para o enfermeiro de terapia intensiva. Trabalho apresentado no curso de pós-graduação em

REFERÊNCIAS

Enfermagem em Cuidados Intensivos da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/nepae/siteantigo/ansiedadeemorte.doc>>. Acesso em: 05 de outubro de 2008.

SCHEMES, Jorge N. Os sentidos da morte em algumas religiões. S/d. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0hCjhNKau0QJ:www.wodwig.co.cc/edu_religiao/edu_religiao.html+jorge+schemes+sentidos+morte+religi%C3%A3o&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20 de agosto de 2008.

UGA, Daniela Alessandra. Psicologia aplicada. In: CRUZ, Andrea P. da. *Curso didático de enfermagem*. 1. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2005. 608p.

Endereço para correspondência:

Alan Batista Costa - Rua Professor Nestor Pereira Leite, 32 - Bairro Jardim Santa Cristina - Santo André - SP - CEP 09171-510
Tels. (11) 4973-7136 / (11) 6713-9513